

Classe C agora começa a investir na Bolsa de Valores

- Estudo encomendado pela Bolsa paulista mostra que 20% das pessoas físicas que investem em ações têm renda familiar entre R\$ 2.500 e R\$ 4.500. **ECONOMIA, página 33**

Depois de ir às compras, classe C agora vai à Bolsa

Lucianne Carneiro

• A classe C — a grande queridinha do varejo brasileiro nos últimos anos — agora também é a estrela do mercado financeiro. Depois de ir às compras, a nova classe média despertou seu interesse pelas ações. Estudo feito pela consultoria Plano CDE, a pedido da BM&F Bovespa, mostra que 20% dos investidores pessoas físicas têm renda familiar mensal entre R\$ 2.500 e R\$ 4.500. Segundo a classificação da Fundação Getúlio Vargas (FGV), as famílias de classe C são aquelas com renda mensal entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807.

São investidores com recursos limitados, mas que, como os das demais faixas de renda, buscam nas ações um investimento com rentabilidade maior. Eles saem da poupança e partem em busca da renda variável com muito interesse por conhecimento. Aos poucos se encantam com as chamadas *blue chips*, como Petrobras e Vale.

— Esse investidor de classe C era praticamente inexistente no passado. Ele só estava na Bolsa quando ganhava ações ao comprar uma linha de telefone. Fora isso, não existia — afirma o economista, demógrafo e diretor da Plano CDE, Haroldo Torres.

O programa de popularização da BM&F Bovespa e os cursos que são cada vez mais oferecidos por corretoras são algumas das razões apontadas para a atração desse público com renda crescente.

— Há dez anos, não se via a classe C na Bolsa. Agora, temos até a classe D — diz o

diretor-executivo da Icap Brasil, Paulo Levy.

'Às vezes, só consigo colocar R\$ 100', diz investidor

O militar Jorge William Cerqueira dos Santos, de 35 anos, é um dos integrantes desse grupo de novos investidores. Casado, pai de duas filhas, começou a se interessar pelo mercado financeiro no fim de 2009. Até então, só aplicava em caderneta de poupança. Fez um curso gratuito no site da BM&F Bovespa, escolheu sua corretora e passou a aplicar um pouco todo mês.

— Tento investir 10% da renda, mas é um dinheiro suado, nem sempre dá. Às vezes, só consigo colocar R\$ 100 — diz ele, cliente da Um Investimentos.

Por causa de uma obra de emergência no ano passado, teve que resgatar os recursos e agora está retomando os investimentos. Por enquanto, ainda liga para a corretora toda vez que quer comprar mais papéis, embora já tenha se informado sobre o funcionamento do *home broker* (sistema on-line).

— Meu objetivo é dar exemplo para minhas filhas da importância da disciplina financeira.

Melissa Marcondes também é um exemplo de disciplina. Começou a investir quando colocou parte de seu FGTS nas ações da Petrobras. Em 2008, passou a destinar mensalmente parte de seus investimentos para um fundo de ações da Geração Futuro.

— Penso no longo prazo e por isso posso ser mais agressiva. Metade do meu investimento vai para ações.

Vocabulário de mercado sem jargões e custos mais baixos

De olho no filão, corretoras estão se organizando para atrair esses investidores. Palestras e cursos gratuitos são a principal estratégia, mas as armas incluem inexistência de investimento mínimo, ferramentas mais simples, assessoria mais detalhada, relatórios e análises diversificadas e vocabulário sem o uso de jargões e termos em inglês.

— Cerca de 25% a 30% dos novos clientes que chegam todo mês são da classe C. É muito importante a educação e orientação. Buscamos uma linguagem simples, livre de jargões e termos em inglês — aponta Ro-

drigo Puga, responsável pelo *home broker* da Spinelli Corretora, que é chamado de investBolsa.

Outro fator importante, destaca o diretor de Marketing da XP Investimentos, Bruno de Paoli, é a não cobrança de um valor mínimo para investimento:

— O investimento mínimo é

o preço da ação que o investidor quer comprar.

Vale ressaltar que algumas características do investidor não dependem da faixa de renda. O gerente Comercial da Geração Futuro, Fabiano Pessanha, destaca a preferência por ações de grandes empresas, como Petro-

bras e Vale. Já o superintendente-executivo da Bradesco Corretora, Wladimir Mendonça, acredita que o caráter mais arrojado ou não das aplicações tem a ver com o perfil de atuação.

Alerta para os riscos da renda variável

Mas a gestora comercial da Planner Corretora, Priscila Vargas, aponta que a concorrência com o consumo costuma ser uma barreira para o investidor da classe C:

— Muitas vezes, quando consegue um patrimônio

maior, resgata os recursos para trocar de carro, por exemplo.

A chegada de muitos iniciantes ao mercado, no entanto, alerta o professor do Ibmecc-RJ Gilberto Braga, exige cautela. Os investidores devem lembrar que renda variável é um investimento de risco e é preciso garantir recursos para uma emergência antes de se aventurar.

— Investir em ações é para o longo prazo. E antes de qualquer coisa, é preciso formar uma reserva em renda fixa correspondente a pelo menos três meses de salário. ■

Estudo mostra que 20% das pessoas físicas que investem em ações têm renda familiar mensal entre R\$ 2.500 e R\$ 4.500



AO LADO da mulher Alessandra, Jorge William quer dar um exemplo para as filhas Evelyn e Julia ao fazer um esforço para investir em ações

Marco Antonio Cavalcanti



**MELISSA
COMEÇOU**

a investir ao
destinar parte
de seu FGTS
à compra
de ações da
Petrobras